

O leitor talvez tenha lido o prefácio que o sr. Henri Berr dedicou ao livro de Leon Robin «La Pensée Grecque». Diz o autor a páginas VIII: «Nós cremos, por nossa conta—é uma hipótese que anima esta obra—que existe um *Pensamento humano*, que, nos milhões de facetas em que o real se reflecte através do tempo e do espaço um esforço único se realiza. E nós cremos que o poder das ideias é imenso, que as ideias mesmo mais abstractas têm sempre alguma relação secreta com a vida, alguma acção indirecta sobre ela; que a busca de verdade, por consequência, é essencialmente a missão humana. Saber é adaptar-se metódicamente».

Berr cita mesmo em seu apoio a passagem seguinte de Roustau: «Do ponto de vista evolucionista, a consciência é antes de tudo um meio posto à disposição dum organismo para que ele reaja com mais appropósito».

Passamos por alto o finalismo implícito na forma (é óbvio que não podemos supô-lo no sentido) da expressão citada, finalismo que não podia estar de acôrdo com o evolucionismo científico pois segundo este a consciência desenvolve-se por um processo complexo de adaptação do organismo social à natureza e do organismo individual ao organismo colectivo, e não apenas para passar a reagir dum certo modo, deixando de reagir dum outro. Aparte este vício de expressão, concordamos em absoluto com a passagem citada, mas isto, parecemos, porque ela não condensa totalmente o pensamento do seu autor.

Nós cremos, pela própria análise da história, que existe realmente um *Pensamento Humano*, que ele é actuante, é um agente histórico, mas não o desligamos da nossa concep-

ção de praxis, de actividade realizadora dos homens—o *Pensamento Humano* não é mais do que actividade de homens pensantes. Para nós o homem não existe nem como hipotetização da vida humana, nem como essência eterna ou passageira dos homens passados, presentes e futuros; para nós existem homens de diferentes eras, de diferentes classes, de diferentes civilizações.

Se alguém, contemplando a narração dos actos dos homens que existiram, possa concluir que eles se definem por um conjunto de práticas, possa construir a sua própria *idea de Homem*, ele não possui o direito de esquecer que uma coisa é a geração dos homens vivos e outra coisa a noção que qualquer de nós pode ter acerca deles. Ainda mesmo que esta se fôsse gradualmente formando no decurso da história à custa de conhecimentos científicos e técnicos, nem por isso deixaria de vincar as personalidades que contribuíram para a fazer com os interesses e as ideologias das suas épocas. Em qualquer caso essa *idea de Homem* seria sempre a miragem dum homem concreto, daquele que a gerou. O homem, quer como essência quer como hipotetização, é um ser metafísico imutável, sempre igual a si mesmo—que não pode ter história; um fantoche de imaginação, um resultado do delírio, a máscara duma ideologia.

«O *psiquismo*—continua Berr a páginas X—desenvolve-se na sociedade mas é anterior à sociedade,—ele é mesmo anterior à humanidade. Constitui-se no cérebro do individuo. As aquisições, as criações do espirito comunicam-se e transmitem-se no que elas têm de mais contingente; daí uma mentalidade colectiva, no sentido mais estreito da palavra.»

E' um facto vulgar entre os historiadores idealistas a queda no mecanismo mais simplista. Esta passagem é um exemplo flagrante desse facto, por demais habitual para que seja estranho. Para nós, no cérebro do individuo existem e criam-se apenas certas condições orgânicas do *psiquismo*, da consciência; «a consciência—diz Lefebvre—está imersa no universo, aberta por todos os lados sobre a natureza, sobre a vida social. A matéria não pensa. A vida biológica, o próprio cérebro, são condições necessárias mas não suficientes do pensamento. E' necessário também a mão, a praxis, o trabalho, o desenvolvimento social e a cultura. Um homem pensa com o seu cérebro, as suas mãos e todo o seu corpo, com toda a praxis social e mesmo, em certo sentido, com o mundo todo. A *idea* mais elaborada, a imagem mais sublimada—como o pensavam Fenesbach, Nietzsche—são ainda seres da natureza.»

Se é certo que a ciência moderna pode afirmar, ao contrário da fórmula vulgarizada, que é o órgão quem cria a função, não esqueçamos todavia que o órgão do pensamento não é o cérebro do homem mas o homem todo, com as suas paixões, as suas tendências, os seus hábitos, as suas necessidades sociais e até com a própria sintaxe da sua língua.

Na segunda parte da passagem em questão verifica-se novo confusionalismo do autor. E' indubitável que certas criações do espirito, como a ciência e a filosofia, no mais intimo das suas problemáticas não se comunicam ao grande público—mas nesta época de especialização não poderá dizer-se o mesmo no que respeita ao homem culto? E depois a própria noção de contingente não se aproximará dema-

siado do convencionalismo? A evolução da vida humana faz-se por intermédio de acções e atitudes que, sendo locais, não se repetindo, são contudo decisivas no devir da sociedade; são contingentes porque não são permanentes mas não o são porque delas depende o curso da história. O contingente dum dia, além disso, não será muitas vezes o fundamental do dia seguinte e o fundamental de hoje não poderá tornar-se o contingente de amanhã? A noção do eternamente contingente e do eternamente essencial descarrega a história exactamente do que é histórico: a variedade, a mutação, o transformado. Por isso a impossibilidade do idealismo em nos dar uma explicação dos factos históricos sem quebra ou dos princípios em que se funda ou do adjectivismo indispensável.

O homem, guardadas as devidas distâncias, vive na natureza como a árvore no terreno: se esta recolhe da terra a seiva que a alimenta e faz evolucionar, também a pouco e pouco vai modificando a composição química do terreno, e a própria seiva que este lhe fornece cria-lhe as raízes com que ela o vai dominando e lhe vai exigindo cada vez mais alimento. As criações do espirito estão fundamente enraizadas na vida colectiva e ao contribuírem para a formação do colectivo fazem essa contribuição por aquilo que mais as relacionava e com que mais profundamente mergulhavam na vida colectiva:—as criações de espirito enformam o colectivo por intermédio das suas raízes sociais.

Na Grécia continental, onde a filosofia foi as mais das vezes uma manifestação de espirito aristocrático, onde o

pensamento tantas vezes foi uma espécie de «bavardage» intelectual e política, a chamada vida do espirito não deixou de ser constantemente açoutada ao sabor das tormentas sociais e o seu próprio desenvolvimento e florescimento não se tornou possível em última análise, senão em virtude de condições de natureza estritamente social.

Parece-nos à primeira vista estranha a afirmativa duma conexão profunda entre o trabalho escravo e o extraordinário fluxo intelectual e artístico da civilização ateniense. Todavia, se bem nos lembrarmos de tudo o que se ligou a esse esplendor, dos ademanos característicos dos seus personagens, não deixa dúvida no nosso espirito que esse prazer voluptuoso da «jouissance» intelectual, essa volúpia de raciocinar que então fez época, se estribava numa «jouissance» material não menos voluptuosa.

Recordemos a figura característica do homem político de Atenas, a sua ostentação pública, a sementeira de distribuições de géneros à população pobre, cujo fruto era quasi sempre o poder; recordemos um Péricles ganhando os favores públicos com o embelezamento monumental da cidade, exemplo desse fausto público que na Grécia predominou sobre o luxo particular; recordemos um Sócrates da «Apologia» declarando que em seu redor se juntavam os filhos das famílias ricas, porque eram os que tinham o tempo livre.

Na Atenas antiga a mão de obra era o trabalho escravo, uma mão de obra cujo preço era a alimentação ignominiosa do escravo. Um homem que por quaisquer circunstâncias adquirisse a fortuna, não tinha, se a quisesse renovar, de empregar para isso senão uma

pequena fracção dela. Grande parte da riqueza tornava-se portanto superflua no processo económico de reprodução. A existência duma classe de cidadãos cujas vidas não eram sacrificadas ao trabalho produtivo significava a existência dum grupo de homens entregues à vida da sociedade—base ineludível de todo o desenvolvimento espiritual—e dispondo do tempo livre necessário à meditação. A superfluidade da riqueza acima referida explica toda essa ostentação política, social e espiritual.

O sofista, vendedor ambulante de conhecimentos às famílias ricas, prepara o ambiente em que vão viver as escolas filosóficas. A preparação dialéctica da juventude representava muitas vezes—veja-se Alcibiades—um aspecto da sua estroinice.

Se no mundo grego verificarmos o impulso dado pelo desenvolvimento e concentração da riqueza às artes e ao pensamento podemos vê-lo no fraco valor relativo dos encargos com a reprodução económica. Outrossim não acontece no mundo capitalista moderno onde a necessidade de diminuir os encargos astronómicos do custo da produção é o agente decisivo no progresso espantoso da ciência nestas últimas cinco décadas. Enquanto que na Grécia clássica o dinheiro representava tempo livre, no mundo moderno é o tempo que representa dinheiro. O próprio desenvolvimento da livre concorrência, as crises cíclicas do capitalismo, as proporções tomadas pela rotação dos capitais, tornaram indispensável o desenvolvimento do pensamento científico e técnico, cujas repercussões no pensamento em geral são incontestáveis. E'

evidente que institutos, universidades e sociedades científicas não foram criados pelo simples amor da instrução do mundo capitalista.

O processo de decomposição moral e mental, tão pitorescamente focado por Abel Salazar sob a designação de «período europeístico», não será agora ameaçado, ao contrário do que sucedia no helenismo, pelo advento da classe desprotegida? Que fizeram os escravos ao caldear o cristianismo senão precipitar a cristalização dos principais vícios do helenismo? Que representa hoje o acesso dos «sans-culottes» senão o reforço da base técnica—racional da sociedade e consequente desgraça das tendências místicas?

A intelectualidade burguesa tem procurado descartar a respectiva ideologia das suas bases de classe e tem-se esforçado continuamente por a apresentar como resultado duma evolução puramente lógica, racional, do conhecimento. Basta que meditemos um pouco na maneira como se transformaria essa super-estrutura ideológica com o facto duma sociedade igualitária para que imediatamente vejamos tudo aquilo que une umbilicalmente a cultura actual e a classe que a marcou com as suas mãos.

Tudo o conhecimento por mais verificado, experimental, objectivo, que seja, é, convém não esquecer-lo nunca, uma tradução do mundo em dados da razão e da experiência dos homens e, como tal, subjectivo.

O homem por sua vez é sempre um homem determinado, concreto, vivo, biológico e social.

Que o raciocínio tenha uma estrutura lógica sempre idêntica a si própria não é facto

estranho, pois que se assim não fóra não seria uma coisa chamada pensamento mas coisas diversas entre si. Que porém isso seja suficiente para que lhe dêmos uma realidade independente é o que nos parece já muito discutível. A própria estrutura lógica do raciocínio é um facto psicológico dos mais importantes pois que é antes de tudo um comportamento do homem na natureza e na sociedade. Estudá-lo à parte de psicologia como uma mecânica fixa, não o integrando antes nela como um *acto de viver* do homem, é falsear simultaneamente o estudo da lógica e o estudo do homem, é supor que o acto de pensar é no individuo um fenómeno sem repercussões nos outros, desligado deles. De que valeria então, conceber as condições em que o pensamento é correcto se isso não trouxesse para o homem nenhuma utilidade? Mas como dar-lhe uma utilidade se ele não tiver com a vida psíquica restante qualquer interdependência?

O raciocínio, o pensamento, não vive da sua estrutura lógica mas dos seus motivos psico-sociais. Supor o contrário seria identificar a vida intelectual do individuo a uma máquina de calcular, nova queda no mecanismo. O homem mais frio e rigoroso na sua lógica, por mais escrupulosamente que conduza o seu raciocínio, parte sempre duma multidão de preconceitos inconscientes, de noções e hábitos adquiridos num obscuro processo de inter-relações sociais que tornam o seu pensamento uma coisa social.

O *psiquismo*, portanto, não se constitui no cérebro do individuo» não «é mesmo anterior à humanidade». Se o cérebro é uma condição do *psiquismo*, este é contudo um produto da humanidade.

## na linha quebrada da nossa época...

1

Alguns dos nossos amigos, a-propósito de tudo e de nada, *despejam* sobre nós uma extensa bibliografia e inundam-nos de citações e frases lapidares. Por isso muitos lhes chamam cultos. Engano: a cultura nada tem de comum com o mero conhecimento livresco, não tem valor algum quando considerada como um fim em si mesma. Assim como uma serra ou uma perfuradora mecânica só têm valor para serrar ou perfurar, a cultura só vale se é um instrumento de acção. Procurar reduzi-la a um simples conjunto de fórmulas é atrair a sua missão. O saber dos que encontram na cultura uma satisfação das suas necessidades *espirituais* é um desvio tão grande como o onanismo, absolutamente infecundo. «Todo o pensamento que não age é um abórto ou uma traição», afirmou Romain Rolland.

2

O Arcebispo de York, na inauguração da escola de Bournenouth, declarou: «Desejaria que não houvesse mais invenções. Se eu pudesse destruir o motor de explosão, fá-lo-ia com certeza.» E' evidente que se não existisse o motor de explosão e o Arcebispo de York estivesse garantido contra novas invenções *perurbadoras* do enleamento bíblico, seria bastante mais fácil fazer acreditar aos homens ingênuos na legenda secular—«ganharás o teu pão com o suor do teu rosto.» E' por estas e por outras (o seguro morreu de velho...) que ainda há quem se empenhe em defender que é o sol que ainda em volta da terra. Que diabo! Não é decente deixar pesar sobre o velho Moisés a vergonha de um estanderete em geografia elemental!...

3

Vê-se dos jornais que se fazem boas diligências para humanizar a guerra. Humanizar a guerra! Humanizar o que é um atentado contra o humano, o sentido da dignidade, do amor do homem! Mas é o mesmo do que pedir a um tigre que se alimente de amendoim, a uma águia que coma alpista, a uma serpente que digira alface como os grilos, em vez de passaros! O único meio de humanizar a guerra é combater, aniquilar as possibilidades de que ela se realize; o que corresponde a aniquilar as forças de cinismo e destruição que regem o mundo.

4

«Não há renovações sem consciência renovadora». Eis uma frase tipicamente idealista—dirão os apressados; eis uma frase que denuncia mais confiança na acção das ideias do que na dos factos—acrescentarão. Puro equívoco; não há realmente renovação sem consciência renovadora; simplesmente esta consciência «de combate» é condicionada pela situação de opróbio e pelas condições materiais. Além disso, a consciência renovadora não é redutível a uma ideia ou a um conjunto de ideias: ela é sobretudo uma decidida e *esclarecida* disposição para a acção. As ideias são esquemas, são instrumentos, são meios—só as realidades justificam a sua acção e só os factos vividos em identidade com elas são verdadeira prova da sua eficácia.